



GÊNERO, RAÇA E EDUCAÇÃO: INDAGAÇÕES ADIVINDAS DE UM OLHAR SOBRE UMA ACADEMIA DE MODELOS

Nilma Lino Gomes¹
Shirley Aparecida de Miranda²

RESUMO

Este artigo pretende apontar a articulação gênero, raça e educação, a fim de contribuir com a produção educacional com enfoque feminista e antirracista. Para tal, indagaremos sobre alguns processos simbólicos e educativos, tendo como principal eixo de análise, a mídia como dispositivo curricular e seus efeitos formadores ou deformadores de sujeitos, sobretudo, quando se trata de adolescentes em processos tensos de construção identitária. A partir de uma disposição instigada pela indagação: “como se aprende a ser menina negra?” analisaremos a temporada do programa de TV *Brazil's Next Top Model*, que se classifica como uma “academia de modelos”, tratando-o como campo no qual se produzem discursos e se estabelecem práticas que regulam comportamentos e mediam relações conflituosas entre adolescentes negras, mestiças e brancas. A análise desdobra-se sobre a composição da branquitude como efeito discursivo que incide sobre o corpo negro e analisa a trajetória de uma mulher negra no programa escolhido para entender as ficções em ação na fabricação do corpo-modelo. Por fim, apresentam-se pistas para a reflexão sobre o lugar do exótico, ou *queer*, na ficção da unidade proposta pela branquitude normativa.

Palavras-chave: Gênero; Raça; Currículo; Mídia.

GENDER, RACE AND EDUCATION: QUESTIONS FROM A VIEW OVER A MODELS' ACADEMY

ABSTRAC

This work intend to point to the articulation among gender, race and education in order to contribute with the educational production with feminist and antiracist approach. Thereunto, we ask about some symbolic and education processes, with main analysis axis the media as a curriculum device and its former or deforming effects on subjects, overall when it is about adolescents in tense processes of identity construction. From a disposition instigated by the question: “how can we learn to be a black girl?” we analyze a season of the TV show *Brazil's Next Top Model*, which is characterized as a “academy of models”, treating it as a field in which the discourses are reproduced and practices that regulate behavior and mediate conflictive relationships among black, mestiza and white girls. The analysis unfold itself on the composition of whitening as a discursive effect which focused on the black body and analyze the trajectory of a black women in the TV show chosen to understand the fiction in action on the fabrication of the model-body. Finally clues are presented to the reflection about the place of exotic, or *queer*, in the fiction of the unity proposed by the rule of whitening.

Key-words: Gender; Race; Curriculum; Media.

¹ Reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. Integrante do Programa Ações Afirmativas na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Ações Afirmativas FaE/UFMG. Endereço eletrônico: <nilmagomes@unilab.edu.br>.

² Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Vice-coordenadora do Programa Ações Afirmativas na UFMG. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Ações Afirmativas FaE/UFMG. Endereço eletrônico: <smiranda@ufmg.br>.



GÊNERO, RAZA, EDUCACION: INVESTIGACIONES PROVENIENTES DE UNA MIRADA SOBRE UNA ACADEMIA DE MODELOS

RESUMEN

Este artículo pretende indicar la articulación entre género, raza y educación, con la finalidad de contribuir con la producción educativa con un enfoque feminista e antirracista. Para tal objetivo, examinaremos algunos procesos simbólicos y educativos teniendo como eje principal de análisis a los medios de comunicación como dispositivo curricular e sus efectos formadores o deformadores de sujetos, sobre todo cuando se trata de adolescentes en procesos tensos de construcción de su identidad. Partiendo de la pregunta “¿cómo se aprende a ser niña negra?”, analizaremos la temporada del programa de televisión: *Brazil's Next Top Model*, que se clasifica como una “Academia de modelos”, tratándose como un campo en el cual se producen discursos y se establecen prácticas que rigen comportamientos y median relaciones de conflicto entre adolescentes negras, mestizas y blancas. El análisis se desdobra en un primer tópico, sobre La composición de La “blanquitud” como efecto discursivo que incide sobre el “cuerpo negro”. A continuación se analiza La trayectoria de una mujer negra en el programa escogido para entender las ficciones en acción en la fabricación del cuerpo modelo. Por último se presentan pistas para la reflexión sobre el lugar de lo exótico o lo *Queer*, en la ficción de la unidad propuesta coloca la “blanquitud normativa”.

Palavras clave: Género; Raza; Currículum; Medios.

Introdução

A articulação gênero e raça tem produzido preciosas contribuições para a produção feminista e antirracista. Conforme conclusões de Matilde Ribeiro (2008), ao desenvolver uma crítica sistemática à subjugação das mulheres negras, essa articulação revela uma hierarquização incontestável, qual seja, homem branco, mulher branca, homem negro, mulher negra. Outro campo aberto pela articulação gênero e raça elucida o “lugar do corpo feminino subalterno, palco de conflitos onde se desdobram as tensões resultantes das relações desiguais de gênero, raça e classe no Brasil” (SCHIMIDT, 2009, p. 799).

Ao acrescentarmos a educação a essa complexa articulação, nos deparamos com mais alguns desafios analíticos. Entendendo a educação como um campo mais amplo, para além dos processos de escolarização, podemos indagar os procedimentos de subalternização do corpo feminino e negro. Nas últimas décadas observamos uma interpretação pós-estruturalista do gênero e da sexualidade. Este campo, aberto pela teoria *queer*³, denuncia que o bimorfismo sexual é efeito de dispositivos de normalização, que se instalam pelo jogo

³Teoria que emergiu a partir dos anos 1990, vinculada aos movimentos e estudos gays e lésbicos sobre a sexualidade e gênero. Os estudos de gênero na matriz *queer* consideram que a diferença sexual não é derivada da materialidade dos corpos, senão marcada e formada por práticas discursivas regulatórias que produzem os corpos que governam. Conferir, entre outros, Judith Butler (1999).

entre diferentes instituições; pela composição entre o saber médico e o poder judiciário; pelas distintas práticas sociais – higiene, educação, cuidado, saúde, formação, controle e punição. Como nos lembra Guacira Louro (2008, p. 144), é nesse jogo que se constitui a força da heteronormatividade, um sistema opressivo que produz uma reiteração compulsória da norma heterossexual presumindo um alinhamento normal e coerente entre sexo, gênero e sexualidade.

Este artigo pretende apontar uma possibilidade de articulação entre gênero e raça a partir de uma disposição instigada pelo estranhamento *queer*. Concordamos com Guacira Louro, que acena:

Por certo a sexualidade não se constitui num campo externo a outros modos de diferença, como as de raça, etnicidade, nacionalidade, religião ou classe. Se compreendermos a normalização – no seu sentido mais amplo – como o lugar da violência social, admitiremos que todos esses campos (e ainda outros) podem se valer, produtivamente, das perturbações e da subversão *queer* (LOURO, 2008, p. 146).

Seria possível, a partir desta inscrição, interrogar a branquitude⁴? Entendemos que, assim como ocorre uma fabricação do corpo heterossexual com base em dispositivos de poder, há uma produção do corpo branco – a branquitude normativa. Interrogamos quais são os dispositivos dessa produção. Que práticas discursivas são acionadas nessa produção? Em que medida somos educados/as para a subalternização do corpo como efeito de normas reguladoras? Como normas regulam o corpo feminino e negro? Quais são os processos que incidem sobre homens e mulheres negros/as, brancos/as e de outros grupos étnico-raciais na produção de sua corporeidade enquanto parte do seu “ser no mundo”?

Para o desenvolvimento dessas interrogações procedemos à análise de uma temporada do programa de TV *Brazil's Next Top Model*, que obedece aos moldes de um *reality show*, e se classifica como uma “academia de modelos”. O programa teve sua primeira temporada em 2007, a segunda em 2008 e, a terceira, em 2009. A última temporada, alvo desta análise, foi ao ar entre 10 de setembro e 04 de dezembro⁵.

⁴ Sobre branquitude conferir Iray Carone e Maria Aparecida Silva Bento (2009).

⁵ Para a análise, recorri às gravações do programa realizadas em sistema de vídeo PAL M, com exceção dos 4 primeiros episódios, que foram assistidos, mas não revistos após gravação. Neste caso, recorri também ao resumo de cada episódio disponibilizado no site do programa (<http://brntm.canalsony.com>).

A escolha de um programa de TV como objeto para esta análise não pretende investigar sua influência na produção de comportamentos, mas tratá-lo como um campo no qual se fabricam discursos que definem a verdade sobre o sujeito e se estabelecem práticas que regulam seu comportamento e mediam relações, sempre conflitivas. Neste sentido, o formato do programa revela-se agência para se aprender o corpo. Conforme inscrição no site:

No programa, 20 meninas são selecionadas para participar da atração e logo no primeiro episódio sete são eliminadas, restando apenas 13 na competição. Ao longo do programa, as participantes realizam *workshops* sobre temas ligados à carreira de modelo e depois vivem na prática os desafios da profissão por meio de diferentes provas a cada episódio. Vigiladas por câmeras 24 horas por dia (...). Após enfrentarem os testes as participantes são encaminhadas à temida sala de julgamento, na qual o júri (...) decide quem volta para casa de acordo com suas performances (Disponível em: <<http://brntm.canalsony.com/programa>>. Acesso em: 13 Março 2010).

A tarefa de produzir performances adequadas à carreira de modelo como propósito de uma academia já revela que o gênero não pode ser entendido como uma entidade estável, da qual derivam as atuações humanas. As atuações, como nos lembra Judith Butler (2003), devem ser compreendidas como instáveis, constituindo-se paulatinamente no tempo e em um espaço externo através da repetição estilizada de determinados atos. Repetição, estilo, atitude e performance concorrem para a produção do corpo da modelo. Como estas reiterações se deparam com o corpo negro? Para lidar com esta indagação discutimos, no primeiro tópico, a composição da branquitude como efeito discursivo que incide sobre o corpo negro. Em seguida, analisamos a trajetória de uma mulher negra no programa escolhido para entender as ficções⁶ em ação na fabricação do corpo modelo. Por fim, apresentamos pistas para a reflexão sobre o lugar do estranho, ou *queer*, na ficção de unidade proposta pela branquitude normativa.

⁶ Utilizamos o termo “ficção” remetendo à perspectiva de Michel Foucault, na qual a verdade é entendida como jogo e como política. Nas palavras deste pensador, “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral da verdade, isto é, os tipos de discurso que ela aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que tem a função de dizer o que funciona como verdadeiro” (Castro, 2009, p. 423). Com base nesta definição concebemos a fabricação do corpo normal como um jogo político de verdades que estabelecem e fixam ideais de feminilidade associadas à branquitude como alvo do corpo modelo.

Corpo e corporeidade negra: regulação e emancipação

A ideologia do branqueamento da população brasileira como condição de desenvolvimento do país remonta ao século XIX. Como nos lembra Thomas Skidmore (1986, p. 219), a tese do branqueamento teve sua formulação mais sistemática na década de 1920, pelas mãos de Oliveira Vianna. Alicerçado no pensamento racista europeu, este advogado e historiador cotejava dados censitários para demonstrar o declínio do “aumento natural” da população indígena e negra, embora o censo de 1920 não incluísse desdobramentos por raça. A contradição e a incompatibilidade de sua conclusão com o racismo científico no qual se baseava – “o Brasil estava em vias de atingir a pureza étnica pela miscigenação” (SKIDMORE, 1986, p. 221) – não abalaram o prestígio que sua teoria alcançou entre a elite brasileira da época, ávida por se tranquilizar em relação ao futuro branco da população brasileira.

Seja em sua versão calcada no racismo científico, seja em sua variante baseada numa filosofia social ou numa antropologia de fundo ambientalista, a ideologia do branqueamento conferiu sustentação à produção do mito da democracia racial, à produção de um racismo à brasileira marcado, pela tolerância com reservas e pela integração subordinada.

Em depoimento cotejado por Rattz e Rios (2010, p. 38), Lélia Gonzales⁷ evidencia a ocorrência do processo nomeado por ela, em consonância com outros/as autores, de embranquecimento, ou branqueamento:

Quanto mais você se distancia de sua comunidade em termos ideológicos, mais inseguro você fica e mais você internaliza a questão da ideologia do branqueamento. Você termina criando mecanismos prá você se segurar (GONZALES, 1986; apud RATTZ e RIOS, 2010, p. 38).

Em sua reflexão, Lélia Gonzales indica que, um dos mecanismos que utilizou foi rejeitar a religião materna – católica – e se aproximar da doutrina espírita como forma de “rejeitar o próprio corpo”. Esse artifício fez parte de sua inserção em “uma paisagem na qual

⁷ Lélia Gonzalez, intelectual, ativista negra e feminista, nasceu em 1935 e faleceu em 1994. Foi uma das figuras centrais na reformulação teórica e prática do movimento social negro contemporâneo e deixou um importante legado que influencia novas gerações de pensadores negros.

a cor da pele ia clareando à medida que se passava do espaço escolar para o espaço acadêmico” (Rattz e Rios, 2010, p. 41). Ou seja, o cenário de hierarquização que articula gênero e raça incide diretamente sobre os corpos, sobre as estratégias para posicioná-los e vivê-los em meio às regras que produzem o corpo normal como corpo branco. Essa dinâmica que produz a branquitude normativa pode ser lida a partir os processos de regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. Há, aqui, o entendimento de que, assim como “somos um corpo no mundo”, somos sujeitos históricos e corpóreos no mundo. A identidade negra se constrói de forma coletiva e tensa nesse processo, por mais que se anuncie individualmente. (RATTZ e RIOS, 2010, p. 41).

No Brasil, o corpo negro ganha visibilidade social na tensão entre adaptar-se ou superar o pensamento racista que o toma por erótico, exótico e violento, simultaneamente ou de modo intercambiante. A superação se dá mediante a publicização da questão racial ou afro-brasileira, da denúncia do racismo e da realização de ações, projetos educativos, sociais e culturais, e da organização política.

Nesse processo, expressar a negritude por meio do corpo e da corporeidade começa a ser percebida socialmente como uma forma positiva de expressão da cultura e de afirmação da identidade. Esta percepção passa de um movimento interno, construído no seio da comunidade negra – não sem conflitos e contradições – para um movimento externo, de certa valorização da estética e corporeidade negra no plano social, também conflitiva. Emerge de maneira tensa e com diferentes intensidades de explicitação uma leitura política da estética, do corpo e da negritude. Exotismo e politização, visibilidade e ausências, possibilidades de emancipação social e reprodução de estereótipos via a corporeidade fazem-se presentes como relações e práticas sociais.

A educação escolar e a mídia estão entre os principais espaços em que se pode notar essa tensão. Ambas produzem discursos reguladores sobre os corpos e, em especial, sobre o corpo negro. A superação desta situação e a proposição de novos caminhos têm sido novas demandas do movimento negro.

Mas qual é a especificidade do corpo negro nos processos de regulação-emancipação social? Qual será a especificidade por ele apresentada nessa tensão quando analisamos o Programa de TV em questão? Que tipo de corpo a mídia, em especial, ajuda a produzir? Em diálogo com Boaventura de Sousa Santos (2002) podemos apontar:

a) O corpo regulado. A regulação do corpo pode ser estabelecida de duas maneiras: a dominante (o corpo escravo; o corpo estereotipado; o corpo objeto) e a dominada (o corpo cooptado pelo dominante como, por exemplo, a industrialização do corpo negro a serviço do comércio capitalista, falsamente autonomizado pelo mercado; o corpo como mercadoria). Na escravidão, os corpos negros e africanos estiveram presentes, mas como algo sub-humano cuja importância se restringia à força de trabalho.

O corpo regulado é também o corpo estereotipado por um conjunto de representações que sustentam os ideais de beleza corporal, tanto na arte quanto na cultura. Na mídia, no aparato *fashion*, o corpo negro foi, primeiramente, invisibilizado. Não são de agora as denúncias pela ausência de modelos negros/as nas passarelas, no *pret a porter* e, até mesmo, em anúncios publicitários. Paulatinamente, algumas mulheres negras começaram a se despontar no cenário internacional, mas ainda envoltas na leitura do “exótico” ou do “afro” ou dos “motivos tribais”. No contexto atual, em que muito lentamente os corpos negros aparecem nas passarelas e nas TVs, podemos vê-los ainda como exceções. Da invisibilidade inicial passamos a uma visibilidade subalterna.

b) O corpo emancipado. Os corpos negros se distinguem e se afirmam no espaço público sem cair na exotização ou na folclorização. O corpo rebelde durante a escravidão. O corpo fugitivo. A construção política da estética e da beleza negra. A dança como expressão e libertação do corpo. O corpo negro como protesto nas passarelas e nas ruas da cidade⁸.

Regulação e emancipação não são estados cristalizados e fixos. São processos tensos que estabelecem um equilíbrio, ao mesmo tempo, dinâmico e conflitivo. Estes processos assumem contornos diferentes, de acordo com os contextos históricos e políticos dos quais participam. O corpo negro na mídia pode ser tomado como um importante elemento de análise nesse contexto.

O estudo de Araújo (2004) demonstrou os mecanismos utilizados para a negação do corpo negro nas telenovelas brasileiras, que podem ser consideradas o produto midiático de maior alcance no país. Em sua análise, as táticas de silenciamento estruturam-se pela

⁸ Recentemente, em São Paulo, modelos negras desfilaram na Avenida Paulista envoltas em vestidos produzidos com *bombрил* em alusão a um dos desfiles do famoso estilista Ronaldo Fraga, que adotou o *bombрил* como penteado para as modelos brancas por ele escolhidas no São Paulo Fashion Week. É o corpo negro que se insurge na cena pública com uma nova performance. Uma performance fashion-política.

ausência de atores negros e negras; pela produção de estereótipos que resultam numa presença negativa – papéis subalternos, irrelevantes, sem densidade; pela negação dos conflitos raciais.

A tática da estereotipia produz, sistematicamente, um padrão fixo vinculado a um imaginário social acerca de pessoas e grupos aos quais se deseja classificar. As figuras da *mãe-preta*, do *preto-velho* serviçal, fiel e resignado, da *mulata sedutora*, do *malandro* e do *bandido* associam-se a um corpo. O autor sinaliza, ainda, que nos casos em que a construção de personagens negros e negras foge a estereótipos – personagens de classe média – esses retomam o lugar da invisibilidade racial. É como se não se tratassem de negros e negras, já que estão na posição de pessoas brancas. Malgrado a “negação da multirracialidade do Brasil ter sido uma realidade na maior parte da história da telenovela brasileira” (ARAÚJO, 2004, p.310), esse autor percebe mudanças a partir da década de 1990 e demarca a presença de personagens negros e subtramas que ganham a cena. Na mesma direção, Gomes (2008) observa o aumento consistente de publicações que privilegiam o corpo e a estética negra a partir dos anos de 1990. A autora assevera que, a despeito do interesse comercial que sustenta a publicação de revistas e a produção e publicidade de cosméticos destinados ao cabelo e pele negra, “(...) o mercado não conseguiu impedir a politização da estética negra” (GOMES, 2008, p. 238).

Na perspectiva feminista, o corpo é uma construção política. Um conjunto de dispositivos disciplinares articulados pela instauração do biopoder incidem sobre as mulheres e seus corpos. Desde a regulação de ciclos, passando por práticas da feminilidade – maquiagem, cosméticos, transformação química dos cabelos, cirurgias “estéticas”, dietas rigorosas, “cultura *fitness*”, moda *fashion* – chegando até as anorexias e bulimias, um rigoroso e repetido controle se exerce sobre o corpo feminino convertido aos ditames da procriação e às prescrições higienistas.

Os dispositivos de poder que fabricam o corpo normal adotam uma lógica, ao mesmo tempo, durável e flexível o bastante para normalizar as diferenças, entre as quais a raça é uma das mais controladas. A circulação de estereótipos que associam cor negra à exclusão e depreciação racial colabora para a formulação de imagens negativas, como uma outra pele que se cola ao corpo negro. Esse é um dos efeitos de uma branquitude normativa que se move da negação do corpo negro até sua circunscrição a parâmetros adequados de

aceitação. As práticas da feminilidade já são tão naturalizadas que sua opressão tornou-se rarefeita, e se exercem por si mesmas para “modelar” o corpo negro com o estilo branco. Que técnicas são utilizadas para educar esse corpo normal numa academia de modelos? Que táticas são acionadas entre a regulação e a emancipação do corpo da mulher negra?

Uma academia de modelos: como se aprende um corpo?

A *reality* de um corpo negro

A recente eclosão de programas televisivos classificados como *reality show* e seu ágil desdobramento em formatos variados é um objeto em estudo. Nos limites deste texto apenas ressaltamos que, sob a designação *reality*, se oculta o mesmo procedimento inventado pela imprensa, qual seja, a descolagem do fato de sua ocorrência e sua remontagem num novo contexto. Se, à primeira vista, *reality* promete uma mostra da situação tal qual acontece, com pessoas “reais” e não atrizes e atores vivendo personagens, as táticas de produção de um programa (os locais de disposição de câmeras e o foco que transmitem), os recortes e o tempo de cada informação (as polêmicas mostradas, os recortes de cenas, as falas transmitidas e omitidas) e o próprio encadeamento de cada episódio reconstroem uma realidade/ficção. Portanto, ao analisar os episódios do programa, tomamos os acontecimentos como recontextualizações que produzem uma realidade.

A trama que fundamenta cada episódio retrata a vida das candidatas durante uma semana, na seguinte sequência: vinheta dos patrocinadores, *flash back* do episódio anterior, depoimentos das modelos, cenas de exercícios físicos, um *workshop*, uma prova de execução com base no *workshop*, uma sessão de fotos e a avaliação do resultado das fotos por uma equipe de jurados composta por um grupo fixo de quatro pessoas e um(a) convidado(a). A preparação das candidatas conta com uma equipe de profissionais convidados(as) que alcançaram destaque no mercado da moda brasileira – cabeleireiros, maquiadores, fotógrafos(as), diretores de cena, estilistas. O programa é apresentado por uma *top model* brasileira e, no grupo fixo de jurados(as), figuram ainda: um maquiador, um estilista, uma jornalista editora de moda.

A presença de pessoas negras no programa obedece ao padrão da TV brasileira: entre os(as) profissionais de destaque não observamos nenhum negro ou negra. Nas duas

edições anteriores⁹, a presença de candidatas consideradas negras também foi minoritária: duas entre doze na primeira temporada e, na segunda temporada, quatro entre vinte. A melhor classificação obtida por uma candidata negra ocorreu na segunda edição: terceiro lugar. Entre as candidatas da terceira edição, uma se autodeclarou negra e reconheceu outra como negra, embora esta não tenha se manifestado a respeito em nenhuma cena transmitida. Interessam-nos os conflitos em torno de Tatiana¹⁰, a candidata que afirmou sua identidade racial.

Tatiana foi uma das duas garotas que se inscreveu no programa sem enviar o próprio material videográfico. Sua inscrição foi realizada num *shopping center*, no qual a produção disponibilizou os recursos para a montagem do material. À época, Tatiana tinha vinte anos, era mãe de dois filhos e moradora da Cidade de Deus, Rio de Janeiro. Como descrito no site do programa, as malas da candidata foram arrumadas com roupas e artigos emprestados pela irmã e pelas vizinhas.

No primeiro episódio do programa ocorreu um desentendimento entre Tatiana e Bruna, uma candidata branca, que já tinha trajetória na profissão e era considerada pelas colegas a mais forte concorrente. No resumo televisionado, Tatiana apareceu prestando um depoimento de forma muito emocionada. Afirmou que, na pose para uma das fotos de grupo com as participantes finalistas, Bruna teria tentado se apoiar em seu ombro e Tatiana havia se recusado a aceitar a pose, temendo que isso a atrapalhasse na foto. Bruna teria respondido à negativa, segundo Tatiana, dizendo que iria mesmo tirar as mãos de cima da colega porque não queria se sujar. A expressão foi classificada por Tatiana como expressão de racismo: a sujeira estaria identificada com sua pele negra. E ela prosseguiu: “se um dia ficar rica terei três empregadas, todas brancas. É racismo, mesmo”. O resumo não apresentou um comentário ou justificativa de Bruna sobre o fato. Na versão divulgada no site, o conflito não é registrado. Contudo, a afirmação de Tatiana de que, no futuro, assumiria uma atitude racista, foi reprisada em *flash back* em outros três episódios, descolada do contexto em que foi pronunciada.

⁹ Os dados relativos às duas primeiras edições foram extraídos do site do programa – a <http://brntm.canalsony.com> – consulta em 13/03/2010.

¹⁰ A identidade das candidatas a *top model* e da equipe de jurados(as) e preparadores(as) está disponível no site do programa. Portanto, neste caso, não utilizaremos pseudônimos. No caso dos(as) profissionais recorreremos ao uso desse artifício não para garantir o anonimato, mas para contornar uma associação entre a pessoa e a enunciação de normas e valores.

A dificuldade do aparato midiático em expor o racismo e as táticas utilizadas para invertê-lo ou conformá-lo de modo a (re)produzir a vítima como vilão foram demonstradas por Araújo (2004). No caso do episódio aqui descrito, podemos observar esta inversão. Tatiana não sofreu o racismo: foi ela quem percebeu e atribuiu essa nomeação ao ato da colega; ela é quem foi desagradável, negando-se à relação; ela foi quem pronunciou a palavra e manifestou o desejo de uma conduta racista. Invertido, o racismo recebe a máscara da democracia racial. Ao desmascará-lo, Tatiana assumiu o papel de vilã, que lhe caiu bem, já que era uma “desordeira”, ou seja, desestabilizava a ordem hierárquica a que deveria estar submetida. Sobre ela pesou, durante todo o programa, a dúvida se mereceria, se deveria estar ali. A colega agressora desfrutava da transparência de sua condição racial obliterada¹¹: não tem que se pronunciar a respeito, pois, para ela, o drama não existe.

As candidatas expressavam muitas dúvidas a respeito de Tatiana: ela não tinha a roupa certa; não sabia andar de salto alto; era pobre e falava mal; não conhecia nada de moda; poderia estar tirando a chance de outra menina; não sonhava em ser modelo. Ninguém se referiu abertamente sobre sua raça, mas era esse o incômodo que não se calava. Afinal, o corpo negro é um discurso.

Tatiana foi considerada pelos(as) jurados(as) como “muito interessante” (Gleise Batista, editora de moda); “linda, deslumbrante” (Rafael Mileto, estilista); “Esse batom rosa com essa pele ficou incrível!” (Luiza Vogue, *top model*). Tatiana ofereceu aos(às) jurados(as) uma “beleza natural”, que poderia vir a enquadrar-se num exótico aceitável. Uma pele adequada a contrastes. Seria suficiente?

Subir no salto e descer da passarela: uma trajetória de altos e baixos

A trajetória de Tatiana no programa obedeceu ao movimento de rejeição e aceitação comum ao que as pessoas negras experimentam sobre si mesmas. Num mundo de peles brancas, corpos esqueléticos, cabelos lisos, poses estudadas, comentários transparentes, a presença de Tatiana não deixaria de propor constantes interrogações.

¹¹ Recorremos ao trabalho de Edith Piza (2009), que destaca como aspectos da branquitude a neutralidade e transparência racial como marca da identidade branca; a posição racial não nomeada; práticas culturais não demarcadas e não nomeadas.

No episódio que foi ao ar em 17/09/2009, o *workshop* era dirigido por Gil Passos, diretor de escola de preparação de modelos que, no programa, atuava como diretor de passarela. Segundo sua avaliação, nenhuma das candidatas tinha a elegância esperada sobre o salto, mas Tatiana representava um desafio, pois era uma candidata a *top* que nunca usou salto alto. Teria tempo e confiança o suficiente para aprender a arte de equilibrar-se sobre espessuras acidentadas?

No ensaio fotográfico proposto no episódio seguinte, as candidatas vestiam *lingerie* e fotografavam numa cama junto com um modelo masculino. A exigência era a desinibição no estúdio e composição de um ideal de sexualidade normal, ou seja, um entrelace heterossexual. Os comentários das colegas eram de que Tatiana não conseguiria fazer a foto por sua falta de experiência. Esperava-se que ela fosse “travar” na pose. O resultado não foi brilhante, mas não ficou aquém, nem mesmo das candidatas mais experientes. A avaliação de um dos modelos contratados para o ensaio foi de que Tatiana poderia oferecer um bom resultado, mas ainda não estava pronta. Esta aposta num potencial oculto prevaleceu durante toda a trajetória de Tatiana. Ela valia pela transformação que iria se operar sobre sua pessoa. Seu bom desempenho coroaria o investimento da equipe de preparação e não era esperado que sobressaísse por suas qualidades “naturais”, que eram boas para serem moldadas.

O quarto episódio foi composto por oscilações em torno de Tatiana. Iniciou-se focalizando seu conflito em permanecer no programa. Sua inadequação ao contexto a fazia interrogar seu desejo de seguir uma carreira de *top model*. Entre a saudade dos filhos e a solidariedade de parentes e amigas, que se mobilizaram para seu ingresso e permanência no programa, Tatiana se reposicionou e se reforçou para os desafios propostos. Enquanto o recorte das cenas apresentadas ao público destacava a inadequação de Tatiana – negra, pobre, mãe – permaneceram subjacentes duas características que podem ser atribuídas ao exercício de emancipação do corpo negro: a solidariedade e a persistência.

O *wokshop* da semana gerou a prova de automaquiagem para realçar adereços de cabeça. A avaliação do resultado de Tatiana foi positiva, embora ela não tenha sido a vitoriosa:

Alexandre Bonilla (diretor de cena do programa): A limpeza e a suavidade com que ela trabalhou os olhos fez com que os olhos dela crescessem. Ela foi superlimpa na maquiagem, mas conseguiu.

Paulo Boscole (maquiador): E ela aprendeu aquele detalhe que falei, da maquiagem não ser mais escura que o tom da pele dela.

A preocupação com o tom da pele não foi uma referência utilizada quando se tratou da avaliação das outras candidatas. Quem venceu “conseguiu construir uma imagem de modelo e de moda” (Alexandre Bonilla). Os critérios de avaliação são um tanto enigmáticos, pelo menos para quem não participa do chamado “mundo da moda”. *Atitude*, imagem de moda, *fashion*, dar uma *expressão dramática*, expressar um *manifesto de moda* são termos que se referem ao que se espera do corpo. Mas não são autoexplicáveis e podem ser intercambiantes. Por exemplo, *arrasar* se refere tanto a um resultado extremamente positivo, quanto a uma descompostura. Neste episódio, Tatiana viu-se às voltas com um resultado positivo no *workshop*, no qual o que se esperava era que alcançasse a transparência traduzida em limpeza, critérios certamente conhecidos por ela, pois dizem respeito à forma de tratamento do corpo negro. Em contrapartida, na sessão de fotos, Tatiana obteve um resultado infeliz. Segundo ela, “tinha que imitar um robô e eu não tava conseguindo”. A avaliação do júri pronunciada por Luiza Vogue foi um “arraso”:

Luiza Vogue: Eu soube que no *set* as pessoas te pediam para fazer uma coisa e você ali, “ah, não sei, ah, não sei”. Eu fiquei sabendo que você não estuda nada, que você não lê nenhuma revista, que você fica de papo pro ar. Chegou o momento de você acordar e vamos lá, porque ta ficando difícil!

Num depoimento posterior, Tatiana se manifestou: “Eu é que não tô entendendo como é que ela quer a minha mudança”. Aprender o corpo não significava aprender um conteúdo específico. Era aprender um conteúdo subliminar e adotar práticas culturais demarcadas, mas não nomeadas: negar a raça e assumir o exótico.

No quinto episódio todas as candidatas passaram por uma sessão de “cuidados” com os cabelos: cortes, tratamentos, colorações, remodelações. No caso de Tatiana, a intervenção foi um corte que realçou os cachos, preservando um estilo que ela havia adotado. Houve momentos em que ela experimentou a “chapinha” e em que usou peruca. Mas a permanência do estilo parece ter assegurado sua autoconfiança.

A sessão de fotos tinha como referência um cenário – um cubo – dentro do qual as modelos eram fotografadas tentando destacar os sapatos, o objeto a ser comercializado. A fotógrafa disse que foi alertada de que Tatiana não tinha repertório nenhum de moda e não se assustou. Considerou que assim teria a chance de dirigir melhor o trabalho. A avaliação proferida foi oposta a da semana anterior:

Rafael Mileto: Eu acredito que você pode considerar esse o seu primeiro trabalho onde você pôde se colocar como uma competidora de verdade, que está entregue para esse trabalho que está sendo feito aqui e que está disposta a lutar para ganhar.

A força pessoal de Tatiana tinha sido domada: controlar o corpo e saber enquadrá-lo em normas e padrões. Mas certamente não se tratava de uma aprendizagem realizada no programa, e sim de uma reiteração de normas anteriores.

Na semana seguinte foi a vez de Tatiana *arrasar*. O ensaio fotográfico era estruturado por um projetor de imagem que compunha o fundo cenográfico, uma música *hight tec* e uma câmera de vídeo que capturava o movimento das modelos vestidas de branco. Depois de editado, do vídeo de quinze segundos, extraía-se a foto a partir do movimento. Os fotógrafos disseram-se encantados com a performance de Tatiana. A avaliação dos jurados também foi muito positiva:

Marcelo Duarte (maquiador): Eu jamais supus que você nos daria esse trabalho, que foi sem dúvida o melhor trabalho que você desenvolveu aqui dentro e, sem dúvida, o melhor trabalho de todas as meninas. Você está internacional, todos os seus passos e qualquer *frame* dessas imagens são aproveitáveis. Você está linda, chique, sofisticada, como se tivesse viajado o mundo inteiro. Não sei, parece uma outra mulher. Leva a gente aqui a entender “hoje ela é uma modelo”. Então, a partir de hoje você vai ser mais cobrada como uma modelo e não mais como aquela menina que nunca tinha feito nada e não se achava nem bonita.

Tatiana se saiu bem num momento em que muitas candidatas, mais experientes, não conseguiram se deslocar da previsível pose estática para foto. Que repertório se atualizou na performance de Tatiana? Segundo ela, “estava que nem uma piriguete”¹²

¹² Referência ao título de música funk de MC Pato, faixa do disco Futuro Ex-pobre. Piriguete é a classificação atribuída a uma mulher sexy. Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=i1x-y4-CFBI>.

dançando”. Ou seja, a cena admitiu a cultura de que Tatiana é portadora sem precisar nomeá-la ou enquadrá-la.

No episódio 7, o ensaio fotográfico trazia uma maquiagem que tomava conta do corpo inteiro para retratar mulheres répteis. A exigência era expressão facial e o corpo funcionando como um conjunto. Um dos fotógrafos chegou a considerar Tatiana “uma diva, assim, nata”. Outro qualificou a vantagem da tonalidade da pele que se fundiu com o fundo preto. Enquanto das outras modelos observava-se o repertório de poses, a expressão, a posição, a atitude, em Tatiana o que se ressalta é a cor da pele e seus efeitos. Na avaliação do júri:

Marcelo Duarte: Tati, eu continuo afirmando... É... Que você tem uma coisa linda natural. Só não sei quanto tempo isso te segura sem a perseverança e sem concentração.

Essa avaliação, oposta a da semana anterior, acentuou as dúvidas de Tatiana:

Tatiana: Uma coisa que eu não entendo, eles querem que eu melhore o que, gente? Eles tão falando que eu não tô dando tudo de mim. As poses que eu faço, é o quê?

Se não basta ser bonita e fotografar bem, o que falta? Entre altos e baixos, Tatiana superou as colegas na prova da oitava semana. Partiu para o ensaio fotográfico em melhor condição que as outras concorrentes, tendo a sua disposição mais cliques de suas poses para a escolha das melhores fotos. Todavia, nem toda vitória conduz a um prêmio. Tatiana manifestou dificuldade com a utilização de recursos circenses que pedia a pose da foto. E, ao ser dirigida, retrucou com o deboche, que era a maneira como percebia o circo. Esta atitude arrancou uma resposta muito ríspida do diretor de cena. Note-se que ele não demonstrou a mesma intolerância em outros casos, quando uma candidata brigou com a equipe de cabeleireiros, ou quando outra deixou o *set* dizendo que já não tinha mais poses para o trabalho. Cenas de choro parecem mais adequadas num *set*. Na gangorra de resultados, a avaliação de Tatiana foi negativa. O júri ressaltou que “sua leveza natural, aquela coisa que... você nasceu, não foi suficiente”. Seria preciso treinar em frente ao espelho “pra saber onde se colocar, perder os ombros”. Destacaram também a *atitude*, considerada displicente e negativa para o trabalho de uma *top*.

No episódio seguinte, o resultado decolou novamente. Elogiou-se a disposição e seriedade com que Tatiana entrou no *set* para o ensaio fotográfico, deixando no camarim o nervosismo e a indisposição. Fotografar em traje de banho não representava para Tatiana um desafio a superar, ela não demonstrava inibição. A avaliação do fotógrafo destacou:

Júlio Bretas: Ela tem grandes possibilidades, de corpo, de... de... de expressão. É linda demais como negra. Se ela se esforçar um pouco ela ainda vai fazer muito sucesso fora do Brasil.

Essa foi a primeira vez no programa em que a raça de Tatiana foi pronunciada sem eufemismos (tom de pele, contraste, cor da pele). É interessante perceber que o lugar de sucesso apontado para ela é fora do Brasil. Talvez seja impertinência mencionar a “mulata tipo exportação”, mas não é exagero perceber, na indicação do fotógrafo, o indício da branquitude normativa: os parâmetros de aceitação do corpo negro circunscrevem-no ao exótico, internacional. Na avaliação do júri, Tatiana mereceu o prêmio de melhor foto da semana. O bom resultado se manteve na décima semana, embora sem a premiação.

Tatiana alcançou a décima primeira semana no programa estabelecendo-se entre as quatro candidatas que disputavam a final do concurso. A prova e o ensaio fotográfico da semana versaram sobre a alta costura recorrendo ao *ateliê* do costureiro Dener¹³.

É importante demarcar que a alta-costura é um estilo clássico que faz alusão direta aos padrões de elite, entre os quais se destacam requinte, *glamour* e exclusividade; trabalho artesanal, roupa feita à mão. A alta costura demarca com precisão as fronteiras de pertencimento: um catálogo regido pela *Chambre Syndical de la Haute Couture* restringe quem produz alta costura; as peças são exclusivas e o valor delas indica quem pertence a este mundo. Na alta-costura não há espaço para exageros, nem para o exótico.

A locação para o ensaio fotográfico fez referência ao estilo proposto. Tratava-se de uma mansão datada de 1934. Como registrou o diretor Alexandre Bonilla, “poucas famílias tinham casas como essas” e quem tinha participava do universo da alta sociedade e da alta-costura. A suntuosidade do espaço causou grande estranhamento em Tatiana, que o

¹³ Dener Pamplona de Abreu (1936 – 1978) foi um ícone da alta-costura no Brasil nas décadas de 1950 e 1960.

descreveu como “mal-assombrado”. O figurino também era desconfortável e exigente. Para a pose, o fotógrafo esperava uma *atitude* correspondente:

Nos *flashes* de depoimento, Tatiana apresentou indícios de seu mal-estar:

Tatiana: Eu não entendi nada do que eles falaram. Ah, não sei, pelo estado que eu estou hoje acho que eu vou [me] sair péssima. (...) Na verdade eu estou me achando uma pa., uma princesa.

Na análise do diretor de cena, a emoção de Tatiana estava comprometida pela TPM. Suas reclamações e indisponibilidades produziram um clima desagradável no estúdio. A composição roupa-corpo-cenário demonstrou o avesso da alta-costura, a descontinuidade de uma roupa que não cabia num corpo, que não tinha a pose exigida pelo cenário.

A versão dos jurados foi devastadora:

Rafael: Eu acho que você chega nessa etapa final um relaxo absoluto, um desleixo com o que você está fazendo aqui. Diz que foi difícil de trabalhar no dia da foto para a equipe toda, arisca, teimosa, *reclama*. E agora eu me questiono se você merece ter chegado aqui por você não dar o devido valor.

Luiza: Seria o correto te dar mais uma chance no programa e tirar a chance de alguém que realmente quer fazer isso e daqui para a frente vai fazer isso com vontade?

Gleise Batista (editora de moda): A gente se sente idiota porque a gente perdeu um tempo enorme, um tempo valioso. É uma decepção tão grande que me dá preguiça até de continuar falando.

Três posições que reiteram o lugar que Tatiana deveria ter ocupado: a valorização da chance que lhe foi dada – e não conquistada. Deste ponto de vista, Tatiana estava sempre em falta, em débito, e deveria pagar com a extremada dedicação, com a total ausência de irreverência. Na lógica do programa, Tatiana era a personagem que surpreendia por sua “beleza natural”, talvez inesperada num corpo negro, mas que deveria aprender a incorporar outro estilo. Seria necessário que ela se reconhecesse em débito para tentar se completar e demonstrar a angústia de saber que não correspondia ao ideal pretendido. E Tatiana negou esse ideal. Ela não se dedicou para reconhecê-lo e persegui-lo.

A afirmação do diretor de cena acerca do comprometimento da emoção de Tatiana pelos males de seu corpo – a TPM – não pode passar despercebida. É a insistência no controle do corpo, atitude que se espera e se produz ativamente nas mulheres. Mas como controlar a cor da pele? Como não perceber a desconexão entre a alta-costura e o corpo negro? Foi Tatiana quem explicou o que estava descompassado:

Tatiana: Eu detestei essa foto de época. Eu detestei a roupa. Estava igualzinha a roupa da Chica da Silva.

Não é possível afirmar que a escolha do estilo para o ensaio que definiria as finalistas do programa tenha visado, intencionalmente, a desclassificar Tatiana. Porém, não se pode deixar de observar que foi uma escolha pela branquitude normativa disfarçada de neutralidade e transparência racial, e de uma prática sociocultural que exalta os “bem nascidos”. Tatiana associou o estilo ao passado no qual o trabalho escravo garantia a opulência à custa da negação do estatuto de humanidade ao povo negro. A menção a uma casa mal assombrada não pode passar despercebida. Não havia lugar para uma mulher negra nos salões, a não ser servindo as senhoras brancas. Ou travestidas de senhoras... Tatiana recusou o estilo da alta-costura e tudo que ele informava.

Após o anúncio de sua desclassificação, Tatiana pediu a palavra pela primeira vez no programa:

Tatiana: Posso falar uma palavra? Eu queria agradecer todos. Eu estou saindo muito feliz, porque eu em chegar ao quarto lugar já estou saindo com uma grande vitória.

Não é possível saber se a vitória a que se refere Tatiana é a mesma que pretende a apresentadora do programa. O recorte importante é o da afirmação: Tatiana não demonstrou sentir-se em débito, como que perdendo uma chance ou retirando a chance de outra pessoa que a merecesse; ressaltou sua vitória, sua aprendizagem e seus méritos.

Conclusão: descer da passarela sem cair do salto

Como se aprende um corpo? Que corpo se aprende? A análise que desenvolvemos evidencia os mecanismos de aceitação e rejeição que incidiram sobre

Tatiana, uma mulher negra candidata à carreira de *top model*. O inusitado desta conjugação lhe era acenado a todo instante. Portadora de um potencial “natural”, ela possuía, ao mesmo tempo, um corpo naturalizado. Ao longo do programa, Tatiana adquiriu formas novas de lidar com este corpo: aprendeu a arte do equilíbrio sobre o salto alto; posicionou-se com desenvoltura quando precisava tirar a roupa e mostrar-se *sexy*; atualizou técnicas de disfarçar a pele; aplicou suas referências culturais a outro contexto. Nestes momentos Tatiana *arrasou*.

É importante assinalar que contou, também, com a disponibilidade de profissionais que lidaram positivamente com a diferença. Enxergaram seus atributos próprios, embora não tenham expressado um reconhecimento explícito pela raça que identifica Tatiana. Não houve um esforço para fazer eclodir predicados naturalizados, como “beleza natural” que é sempre um potencial e nunca um acontecimento.

Onde Tatiana falhava? De acordo com os(as) jurados(as) e profissionais, seu repertório era deficitário. A expressão corporal não acompanhava a “dramática das cenas”, sobretudo daquelas em que a demarcação era uma cultura valorizada, como o teatro, a literatura, as referências ao mundo/mercado particular da moda. Havia um hiato cultural que não precisava ser nomeado, mas era exigido e deixava Tatiana confusa e abalada.

Tatiana também falhava no reconhecimento da profissão de modelo e era insistentemente cobrada por isso. Ela não decodificava o que era ser profissional naquele ambiente, talvez porque tenha começado a entender desde muito cedo o trabalho como sofrimento, como labuta. As colegas reclamavam que ela não dava a devida importância, que parecia estar brincando. E talvez estivesse mesmo... Em um dos episódios foram transmitidos depoimentos em *flash back* das candidatas descrevendo sua relação com a profissão de modelo desde a infância – brincar de desfile com as roupas da mãe, andar com os saltos das irmãs mais velhas, brincar de teatro em festas da família, ler revistas de moda, escolher roupas e montar um *look*. Atravessando esse contexto de harmonia, Tatiana diz:

Tatiana: Eu trabalhava. Trabalhava de vendedora. (...) Agora eu gosto de tirar foto, uma coisa... que eu não trouxe nenhuma foto minha, porque eu não tenho. Não gosto... não gostava de tirar foto.

Tatiana não desconheceu a complexidade dos elementos que compõem o trabalho da *top model*. Só não teve tempo para sonhar com eles. Talvez por isso parecia uma brincadeira, uma diversão, a experiência da festa perdida na infância. Aos olhos dos(as) jurados(as) e das candidatas, parecia displicência...

Por fim, Tatiana falhou em aprender o exótico, ou a tradução de estranho e fora de lugar, para excêntrico, extravagante. Em alguns momentos, Tatiana conseguiu atingir o estrangeiro aceitável. Mas sua performance insistia em algo fora do lugar, que incomodava, que causava repulsa. Um corpo *queer*: subversivo. O potencial que Tatiana atualizava era a negativa da consolidação da unidade proposta pela branquitude normativa. Um corpo *queer* multiplica os efeitos de poder até fazer sucumbir pela força da normalização. Seria essa a indignação que Tatiana provocou?

As sucessivas vitórias de Tatiana desesperavam as candidatas, sobretudo as mais experientes. Eram situações em que o trabalho de Tatiana era desqualificado. Em outras ocasiões, o sucesso de Tatiana era atribuído à benevolência do júri. Ela era “ajudada”. Observando as reações das colegas, a aversão provocada por Tatiana e a desqualificação de seu trabalho, e considerando que a própria equipe definia sua permanência na perspectiva de uma chance, o que exigia de Tatiana um esforço incansável para corresponder aos ideais demarcados, é impossível deixar de perguntar: vale à pena a insistência em ingressar num espaço fechado a essa identidade? Se a presença de Tatiana era uma resposta à demanda pela participação das pessoas negras em programas de TV, e se ela prossegue em posição desfavorável e sem reconhecimento, vale à pena essa insistência?

A presença negra resultante de um processo histórico de ação afirmativa desloca ideais e provoca dispersões que tendem a desarticular o registro da branquitude normativa. Contudo, esse corpo negro emancipado, insurgente, incômodo, que se nega a exotização, ou que brinca com a própria produção do exótico, ainda não consegue sair das malhas do racismo. É importante compreender em que sociedade esse processo é produzido. Uma sociedade ocidental, marcada por processos de globalização capitalista e lutas contra-hegemônicas, alicerçada em profunda desigualdade social, racial e de gênero. Produzir deslocamentos nesse contexto é sempre um desafio para o sujeito, sobretudo, para os negros e negras. Romper com esse contexto é desafiar a branquitude normativa.

Regulação e emancipação dos corpos e, sobretudo do corpo negro, descreve uma linha sinuosa, como aqui analisada na trajetória de Tatiana. Um processo que, construído no contexto do racismo e sofrendo os efeitos da branquitude normativa, torna-se complexo e ardiloso: ao mesmo tempo em que se regula o corpo, ele encontra espaços para se emancipar. Talvez essa sinuosidade possa responder à insistente busca por uma transformação ainda não alcançada. A persistência dos ideais de feminilidade, ou em outros termos, a pregnância de padrões de gênero ainda assombram, mesmo as feministas. É como se os rasgos de emancipação pudessem ser tragados e transformados em regulação. Afinal, ao olharmos o padrão de corpo traduzido em “magreza” presente em todas as candidatas escolhidas, o estilo de roupa que deveriam usar, os comportamentos que deveriam representar, alguns tão distantes do seu mundo social e do seu ciclo da juventude, quais seriam as reais possibilidades emancipatórias destas mulheres? Tatiana expressou, por várias vezes, formas insurgentes e emancipatórias de lidar com o seu corpo, mas, ao mesmo tempo, era limitada pela própria forma regulatória do padrão de beleza que orienta, não só o programa, mas o “mundo *fashion*”.

A trajetória de Tatiana parece-nos fornecer uma resposta para o paradoxo regulação-emancipação. Do ponto de vista pessoal, o repertório atualizado por Tatiana foi extraído na forma com que se deparava com situações adversas. Racismo e preconceito não lhe eram estranhos e ela apresentava recursos para combater, denunciar, afirmar-se, negociar. Do ponto de vista da composição do programa, a presença de Tatiana perturbou pólos binários, como verdade e mentira, vilã e mocinha, belo e grotesco. Não é novidade que o alcance das lutas empreendidas por movimentos sociais articulados por políticas de identidade não se restringe ao atendimento de demandas; precisa considerar os discursos e práticas desestabilizados.

O alerta permanece: a tensão regulação-emancipação sócio-racial do corpo e da corporeidade negra identificada nos processos tensos vividos por Tatiana, expressa a necessária construção de uma emancipação sócio-racial do corpo, como apontou Santos (2002).

No entanto, descontínua e incoerente, a presença de Tatiana nos propõe pensar para além das normas pelas quais ela deveria ser definida. Demonstrou que o gênero não se restringe ao papel social e à atribuição normativa; é um modo contemporâneo de organizar

normas passadas e futuras, de situar-se através dessas normas, um estilo ativo de viver o corpo. Após sua saída do programa, a normalidade apagou o brilho da expectativa. O padrão de beleza instaurado voltou-se para algo muito próximo do homogêneo, da norma branca como padrão, e revelou um resultado sem audiência. Vale à pena denunciar que o normal tende a apagar os conflitos, ou deixá-los latentes. Talvez, por isso, a ficção de normalidade se revele incolor, sem brilho, sem viço.

Referências

- ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora Senac, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero; feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. XAVIER, Ingrid Müller (trad). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- GOMES, Nilma L. Movimento negro, saberes e a tensão regulação-emancipação do corpo e da corporeidade negra. In: **Contemporânea. Revista de Sociologia da UFSCAR**. São Carlos, UFSCAR, N.02, 2011. p 37-60.
- GOMES, Nilma L. **Sem Perder a Raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- LOURO, Guacira L. **O “Estranhamento” Queer**. In: STEVENS, Cristina M. T. & SWAIN, Tânia N. (org.). *A Construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres 2008, P. 141- 148.
- PIZA, Edith. *Porta de vidro: entrada para a branquitude*. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria Aparecida S. (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- RATTZ, Alex e RIOS, Flávia. **Lélia Gonzales**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Retratos do Negro Brasil).
- RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 16, n. 3, dez. 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. Porto, Afrontamento, 2002.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Cravo, canela, bala e favela**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 17, n. 3, dez. 2009, p. 799 – 817.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RECEBIDO EM 12 DE JULHO DE 2013.

APROVADO EM 10 DE OUTUBRO DE 2013.